■ INTERCEL | INTERSUL | JORNAL LINHA VIVA Nº 1400 - 05 DE ABRIL DE 2018

# Três décadas de um sonho

### PARA CONTINUAR O TRABALHO COLETIVO

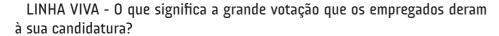
### Reeleito pelos celesquianos, Leandro Nunes reafirma compromisso com a luta conjunta na Celesc

Na última semana, os trabalhadores da Celesc elegeram novamente um representante no Conselho de Administração da Empresa. Atual Conselheiro, Leandro Nunes foi reeleito com amplo apoio da categoria (79,41% dos votos válidos), fazendo a maior votação percentual da história da empresa e saindo vencedor em todas as Agências Regionais e Administração Central.

Em uma eleição que opôs dois projetos distintos, os trabalhadores escolheram, democraticamente, a continuidade de um projeto idealizado e apoiado pelos sindicatos que compõem a Intercel ainda no início da década de 90: o trabalho coletivo.

Para a Intercel, a continuidade do trabalho coletivo com amplo respaldo da categoria é fundamental para dar força à luta contra a privatização e em defesa dos direitos dos trabalhadores. O Conselho de Administração é o colegiado que traça os rumos da empresa e, com informações essenciais aos celesquianos, deve ter uma representação comprometida com a categoria.

A equipe do LV conversou com o conselheiro eleito, Leandro Nunes, sobre a eleição e os desafios do próximo mandato.



LEANDRO NUNES - Acredito que, acima de tudo, a expressiva votação dos celesquianos vem da confiança em nosso trabalho. E é nosso mesmo. É um trabalho coletivo, feito da união dos trabalhadores e dos sindicatos da Intercel. Durante toda a campanha eu fiz questão de deixar isto bem claro: sem o suporte dos sindicatos e sem a confiança da categoria em atender as mobilizações destes, nossa representação seria figurativa, não teria força. É esta capacidade de mobilização rápida que faz com que as informações que temos acesso no Conselho de Administração se transformem em poderosas

armas na defesa da Celesc Pública e dos direitos dos trabalhadores.

LV - Quais são os maiores desafios para os celesquianos, começando agora até o fim do seu mandato, em 2021?

LN - O primeiro desafio é a alteração do estatuto da Celesc para se adequar à Lei das Estatais (13.303). Historicamente, temos problemas com propostas de inclusão de artigos que prejudicam os trabalhadores e atentam contra a empresa pública, por isso temos que estar vigilantes. Temos também que continuar o trabalho para manter a concessão da Celesc. Avançamos bastante desde a divulgação das regras e estamos no caminho certo porque tanto os trabalhadores quanto as entidades sindicais responsavelmente têm feito o debate sério para, ao

Precisamos sim pensar no futuro da nossa empresa e, consequentemente, do nosso emprego. E teremos ainda as eleições majoritárias, que podem alterar toda a estrutura que hoje temos.

LV - Com relação às eleições, qual o impacto para a Celesc e para os trabalhadores?

LN - Sendo uma empresa pública, a Celesc sofre grande impacto. No Estado, depois de muito tempo a tríplice aliança dá sinais de ter acabado, o



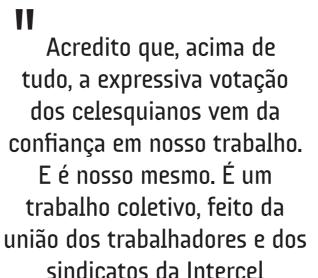
pré-candiadatos, mas nenhuma definição. Neste período estarei, junto aos sindicatos da Intercel, procurando os pré-candidatos para que estes firmem compromisso com a manutenção da Celesc Pública, conforme orientação dos empregados no 10º Congresso dos Empregados da Celesc. Por hora, nenhum deles manifestou posição sobre a Celesc. Na verdade, apenas um manifestou abertamente posição: Paulo Bauer (PSDB) afirmou que, se eleito, privatizará a Celesc. As mudanças no cenário nacional também têm impacto sobre a Celesc e, por isso, os trabalhadores devem avaliar muito bem seu voto. Votar em candidatos à presidência abertamente privatistas é dar um tiro no próprio pé. Até agora, dois pré-candidatos falam aber-

> tamente em privatizar tudo: Jair Bolsonaro (PSL) e Geraldo Alckimin (PSDB). Além disso, a história recente de ataques aos direitos trabalhistas e sociais dos brasileiros demonstram que é preciso avaliar muito bem os candidatos à Câmara de Deputados e ao Senado. Na minha opinião, o momento é de avaliar quem foi contra e quem foi a favor dos trabalhadores em temas importantes como a reforma trabalhista, por exemplo. É preciso fortalecer candidaturas populares, compromissadas com os trabalhadores e que defendam as empresas públicass.

> LV - E a nova composição do Conselho? O que os trabalhadores devem esperar?

Ш LN - É uma incógnita ainda. Em abril, teremos uma Assembleia Geral de Acionistas onde teremos

final do período de avaliação das metas, termos nossa Celesc com mais 25 a homologação do resultado da nossa eleição, a nomeação dos conselheianos de concessão. Neste momento, de nada adianta discursos demagógicos. ros da EDP e mudanças no time do Governo. Do Governo, acredito que não tenhamos surpresas, ainda mais em fim de mandato. Já no caso da EDP temos que ficar atentos. Tenho dito que se a empresa veio para a Celesc na ótica de ter retorno a longo prazo, serão aliados importantes, afinal de contas tem expertise no setor elétrico. Agora, se vierem com a lógica de privatizar a empresa para tirar lucros absurdos, serão tratados pelos trabalhadores como inimigos. Nesse mar de incertezas, precisamos remar juntos. A manutenção da Celesc Pública e a defesa dos direitos dos celesquianos dependem de um trabalho coletivo. Minha missão é levar aos empregados as informações que permitam, junto com a Intercel, continuar a luta.





# LINHA VIVA: UM PROJETO QUE AVANÇOU

Ao longo de 30 anos, jornal dos eletricitários buscou uma comunicação coletiva

Criado em 1988, pelo Sinergia, o Linha Viva foi incorporado como veículo de comunicação unificado dos sindicatos da Intercel em 89. Já em 1990, o Linha Viva completava dois anos de informação aos trabalhadores eletricitários e, enquanto o nosso jornal engatinhava, o debate sobre a estrutura da imprensa sindical movimentava os sindicatos. Foi neste ano que os jornalistas Gastão Cassel e Rosangela Bion escreveram um projeto para reestruturar o jornal Linha Viva a partir da edição nº 100. No documento entitulado "Linha Viva: um projeto para avançar", os jornalistas analisavam a realidade do movimento sindical e as dificuldades da imprensa.

O sindicalismo no início dos anos 90 atravessava "uma crise de perplexidade frente a acontecimentos políticos de todo o mundo". Crise do leste europeu, internacionalização das economias e avanço do neoliberalismo eram as preocupações da organização da classe trabalhadora. A luta era por uma ruptura do modelo assistencialista que dominava no Brasil.

O Linha Viva já havia cumprido seu primeiro papel: criar uma cultura de comunicação entre os trabalhadores e suas entidades representativas. Faltava, então, uma guinada jornalística e política, para, enfim, avançar. Para isso, Gastão e Rosângela conceituavam o tipo de imprensa sindical que era preciso aplicar. "Devemos fazer um jornalismo a partir da ótica de classe dos trabalhadores, o que não tem nada com a pretensa neutralidade dos diários da burguesia. O que defendemos é que a imprensa dos trabalhadores seja causa e consequência no cotidiano do movimento, que ao mesmo tempo mobilize com a informação e possibilite ao coletivo a fiscalização e a participação na condução de sua luta", afirmavam.

Foi a partir destas concepções que o Linha Viva montou sua estrutura principal, mantida até os dias de hoje. Quatro páginas semanais, com textos objetivos e uma página dedicada a promover a cultura (leia texto na página 6).

Trinta anos depois o jornal dos eletricitários catarinenses continua forte e com cada vez mais credibilidade com a categoria. Ao longo destes anos, estivemos junto aos trabalhadores, informando, mobilizando e fomentando um olhar crítico diante das notícias e fatos que impactam na vida dos trabalhadores. Neste período, o Linha Viva ficou cada vez mais próximo dos trabalhadores. Informamos e mobilizamos os trabalhadores desde o início da campanha "Todos pela Energia", que culminou com a renovação das concessões das empresas de energia, ameaçadas pela privatização. Em 2016, uma edição especial transformou os próprios trabalhadores em produtores de notícias, dando voz à categoria e traçando um amplo diagnóstico da Celesc na visão dos traba-



Ihadores. A campanha Energia não é Mercadoria, que luta contra a privatização da Eletrobras e suas subsidiárias é amplamente divulgada entre os trabalhadores, mobilizando a categoria na defesa da maior empresa de energia elétrica brasileira e da América Latina.

O Linha Viva é um projeto que avançou. E que pode avançar ainda mais. O saudoso companheiro Vito Gianotti sempre defendeu a criação de um jornal unificado das entidades sindicais. Uma forma de resposta ao fato de que a luta dos trabalhadores nunca será notícia na grande mídia controlada pelo capital, pelos patrões. A ideia de um jornal sindical unificado não é nova. Nas

páginas do próprio Linha Viva ela foi notícia, há quase trinta anos. Plenárias de debate entre os sindicatos também foram realizadas, mas o NOIS - Núcleo Organizado de Imprensa Sindical nunca saiu do campo das ideias.

Este talvez seja o grande desafio a sobrepor. Unir os sindicatos e transformar a luta individual em uma luta unificada de toda a classe trabalhadora. Fazer um jornal que contraponha a grande mídia e faça a luta dos trabalhadores ser noticiada para toda a população. Uma experiência como a que o jornal Brasil de Fato fez, durante um tempo.

Trinta anos de um projeto feito para avançar, que avançou e ainda tem muito espaço para avançar.



# TRÊS DÉCADAS DE UM SONHO

A difícil missão de produzir um jornal de trabalhadores e para todos os trabalhadores é a essência do Linha Viva



Uma comunicação dos trabalhadores e para os trabalhadores. Este é o sonho que guiou o jornal Linha Viva nestas 3 décadas de publicação. Ter um jornal semanal expondo o ponto de vista da categoria e fazendo contraponto com a mídia tradicional não é uma tarefa fácil, mas é extremamente necessária. É preciso que os trabalhadores conheçam a história do Linha Viva. Criado pelo Sinergia, o jornal foi abraçado por todos os sindicatos da Intercel e da Intersul. Hoje, é produzido no Sindinorte.

Muitos trabalhadores, sindicalistas e jornalistas contribuíram nesta caminhada, se esforçando para levar aos eletricitários uma opção de notícias alternativas. Nesta edição, alguns destes companheiros estão ajudando a contar esta história. A capa foi desenhada por Frank Maia, jornalista e ilustrador que foi estágiário no Sinergia e é criador do Urbaninho. Damos destaque também à jornalista Marli Cristina Scomazzon, que escreveu um capítulo de livro sobre a experiência do Linha Viva. Cristina é jornalista do Sinergia e continua contribuindo com o jornal. O futuro do Linha Viva é debatido pelo jornalista Gastão Cassel, primeiro editor do jornal. A promoção da cultura nas páginas do jornal é relembrada pelo escritor, poeta e ex-diretor do Sinergia, Dinovaldo Gilioli. Estes quatro companheiros representam todos os colegas que, de alguma forma, construíram o Linha Viva.

O jornal Linha Viva chegou aos trinta anos pelo esforço ideológico de quem o mantém e o faz sair toda quinta-feira, mas, fundamentalmente, o Linha Viva só continua circulando nas mãos e mesas dos trabalhadores eletricitários porque ele é lido dentro e fora dos locais de trabalho.

### A EXPERIÊNCIA DO LINHA VIVA

A imprensa sindical tem o

papel de disputar a hegemonia,

justamente colocando a

informação à disposição

dos cidadãos para que estes

possam se posicionar frente ao

mundo que os rodeia

Capítulo do livro "Jornalismo em Debate" conta a experiência de produzir um jornal

destaque especial ao movimento sindical e à ção à disposição dos cidadãos para que estes

experiência da autora no Sindicato dos Eletricitários de Florianópolis e Região".

Em um trecho, a atuação da comunicação no terceiro setor é detalhada: "a comunicação no Terceiro Setor atua em duas frentes. A primeira criando meios de diálogo dentro da organização - a comunicação interna, boa parte dela dedi-

cada à formação dos dar visibilidade às ações da instituição e expor interferir no debate público, formando opini- ca, sociedade, comportamento, esporte, cultura". públicas e a propaganda".

produzir boletins para difundir informações à semanalmente o Linha Viva.

A experiência do Jornal Linha Viva já foi margem da grande imprensa. É comentando a contada em livro. Em 2005, a jornalista Marli produção catarinense que Cristina apresenta Cristina Scomazzon, responsável pelo LV du- a história do jornal Linha Viva e o conceito de rante vários anos, escreveu um capítulo sobre uma imprensa cidadã criado pelos jornalistas a produção do jornal dos eletricitários cata- Jacques Micl e Gastão Cassel: "defendemos rinenses no livro "Jornalismo em Perspecti- uma visão de imprensa sindical baseada na va", editado pela Editora da UFSC. No texto informação e orientada por um comportamen-"Comunicação no Terceiro Setor", a jornalis- to ético rigoroso, construindo uma imprensa ta comenta sobre a produção jornalística em que se coloque como alternativa especialmen-"instituições preocupadas com democracia e te por sua seriedade e credibilidade". E mais: que atuam na contestação da hierarquia so- "A imprensa sindical tem o papel de disputar a cial, econômica e cultural predominante, com hegemonia, justamente colocando a informa-

> possam se posicionar frente ao mundo que os rodeia. Em última análise, a imprensa sindical é, sobretudo, jornalismo".

> Cristina descreve, na sequência, a forma com que o Linha Viva se estruturou baseado na proposta de Mick e Cassel: "de acordo com as premissas da Imprensa Cidadã, o Linha Viva procurou sempre balancear as notícias

integrantes da entidade e, em menor grau, à corporativas com as de interesse geral. Porém, prestação de contas e informação dos rumos a escolha de temas gerais se dá pelo seu conadotados pelo comando da instituição. A se- teúdo alternativo, ou seja, evitam-se temas ou gunda visa abrir canais externos de interação enfoques da grande imprensa, procurando-se com a sociedade e o Estado. O obietivo aqui é dar para reflexão do leitor elementos novos e que encontram pouco eco nas publicações trasuas propostas, inserir sua visão de mundo na dicionais. O jornal procura realizar a cobertura mídia e, através de suas próprias publicações, jornalística de diversas áreas: economia, políti-

ões. O processo de comunicação no Terceiro "A comunicação no Terceiro Setor passa por Setor inclui, além do jornalismo, as relações uma tarefa diária dupla: a de incentivar o ativismo dentro da organização e de tornar visível A experiência do terceiro setor no estado este ativismo para a sociedade". Esta frase, que de Santa Catarina cita ainda a tentativa de encerra o capítulo do livro, representa também criação de um jornal unificado do movimento a luta diária de fazer um jornal sindical. Luta sindical e as experiências da Fundação Demo- que Cristina continua a fazer. Jornalista do Sicracia e Comunicação Adelmo Genro Filho em nergia, Cristina faz parte da equipe que produz

## OS NOVOS DESAFIOS PARA O LINHA VIVA

Por Gastão Cassel - Jornalista que atuou no Sinergia entre 1987 e 1995, participou da idealização do Linha Viva, sendo seu primeiro editor.

O grande desafio do Linha

Viva ao romper a fronteira da

edição nº 1400 é preservar e

fortalecer sua credibilidade

diante da categoria eletricitária

e do público externo. Ser

plural, original e sem medo

da verdade. O único caminho

é fazer jornalismo. Daqui

alguns dias, talvez não mais

nas quatro páginas semanais,

mas em formatos eletrônicos,

vídeos, aplicativo e tudo que a

tecnologia possa oferecer

O Linha Viva, que nasceu lá em 1988, veio ao mundo carregando o sonho de contribuir para a construção de uma nova hegemonia informativa ou, pelo menos, abrir uma cunha na supremacia da grande imprensa que imperava (e impera) tranquila na gestão da informação.

Alimentávamos, os jornalistas da imprensa sindical e os sindicalistas, a ilusão de que o dia em que a informação ocultada pelas grandes empresas midi-

áticas viesse à tona, também a consciência de classe dos trabalhadores emergiria. Dezenas de iniciativas de sindicatos e movimentos populares tentaram dar conta da tarefa de criar veículos alternativos que fossem capazes de deflagrar a consciência imanente.

Projetos sindicais como o Linha Viva e muitos outros vingaram, se estabeleceram e fazem história até hoje. Deram, sim, sua contribuição valiosa. Mas a epifania da consciência não aconteceu. Mesmo com as novas tecnologias - o LV é de antes da internet! - permitindo que as informações "alternativas" chegassem às pessoas pelo novos meios, de forma exponencial.

O que aprendemos, olhando para trás, é que a disputa de hegemonia cultural e a propagação de valores referen-

ciados na justiça social, na igualdade e na solidariedade não se resolve apenas com a circulação de informação. Nossa mecânica de causa e efeito era o caminho da qualidade da informação. insuficiente para vislumbrar a imensidão de dispositivos de disseminação das ideias conservadoras, popular! individualistas, etc.

Hoje, a tarefa de um semanário impresso sobrevive pressionada pela dinâmica da internet, dos portais informativos, dos APPs e das redes sociais. Umberto Eco disse que "vivemos num mar de informações inúteis". Nunca se teve acesso a tanta informação e jamais se fez tão pouco com ela. E nem falamos no fenômeno das fake news... A "democratização" da circulação da informação veio com muita confusão, especialmente sobre veracidade e credibilidade dos

produtores de notícias.

Mas lá no embrião no LV tinha um "gene" que ainda é efetivo, e que precisa ser alimentado e fortalecido: Jornalismo. Um jornal, e qualquer produto informativo, não se faz só com notícias, mas sobretudo com credibilidade, e esta depende de um procedimento jornalístico, da apuração, investigação e pluralização da informação.

O grande desafio do Linha Viva ao romper a fronteira da edição nº 1400 é preservar e fortalecer sua credibilidade diante da categoria eletricitária e do público externo. Ser plural, original e sem medo da verdade. O único caminho é fazer jornalismo. Daqui alguns dias, talvez não mais nas quatro páginas semanais, mas em formatos eletrônicos, vídeos, aplicativo e tudo que a

tecnologia possa oferecer. Mas nada o manterá próximo de sua origem e função histórica se não trilhar

Longa vida ao Linha Viva e à imprensa sindical e



# O JORNAL E A CULTURA

Por Dinovaldo Gilioli - Poeta, escritor, incentivador e colabolaborador do LV desde sua criação



O termo cultura suscita diversas concepções que vão de um extremo a outro. Por um lado há os que consideram a questão cultural somente como lazer, entretenimento. Por outro, estão os defensores de que qualquer atividade artística se basta. Outros ainda associam a cultura a um acúmulo de conhecimento, que atribui poder e status. E há também os que defendem (aqui me incluo) a ideia de que cultura é a maneira como nos relacionamos com a vida e a recriamos, é o modo pelo qual uma sociedade dá sentido a sua própria existência.

Com essa visão dá para mensurar a importância de um jornal como o Linha Viva que mantém, por longos anos, um espaço para questões culturais. Quando o LV 100 – 06/07/90, começou a dedicar uma página para temas de comportamento, costumes, enfim cultura, alguns dirigentes sindicais afirmavam que ninguém estava lendo o jornal, que a página 4 não interessava. Uma pesquisa na categoria demonstrou justamente o contrário: o LV era lido e a referida página uma das preferidas.

Essa resistência inicial estava pautada na ideia de que assuntos culturais não tinham muito a ver com um jornal sindical. Pelo contrário, as ações de caráter lúdico e poético ajudam a compreender o papel da cultura e a ampliar a visão de mundo. Agindo assim os sindicatos contribuem para melhor distribuir os bens simbólicos em nosso país, tão concentrados quanto os bens materiais.

O jornal Linha Viva e outros meios de comunicação, com a mesma concepção editorial, cumprem papel imprescindível quando - na tentativa de desvendar a lógica dominante, incentivam a prática solidária, crítica e criativa ao invés da competição selvagem

No capitalismo, onde o dinheiro é a medida de todas as coisas e o lucro o seu objetivo principal, a cultura é uma das vias mais férteis para a transmissão dos valores desse tipo de sociedade. O jornal Linha Viva e outros meios de comunicação, com a mesma concepção editorial, cumprem papel imprescindível quando - na tentativa de desvendar a lógica da ideologia dominante, incentivam a prática solidária, crítica e criativa; ao invés do consumismo, da selvagem competição, do individualismo.

Oxalá, o LV resista por mais 30 anos!



### ALESC APROVA MOÇÃO CONTRA PRIVATIZAÇÃO DA ELETROBRAS

Deputados se manifestam pedindo supensão do projeto de Lei 9.463/18

Os Deputados Estaduais catarinenses aprovaram no dia 20 de março moção solicitando a imediata suspensão da tramitação do Projeto de Lei nº 9.463/18, que "Dispõe sobre a desestatização da Centrais Elétricas Brasileias S.A. - Eletrobras". No texto, proposto pelo Deputado Cesar Valduga (PC do B), os deputados afirmam que "a energia é um produto estratégico para o país e não uma mera mercadoria. O processo de privatização coloca em risco a segurança do setor elétrico e a economia nacional, trazendo consequências terríveis à sociedade, como o aumento da tarifa e exclusão de uma parcela da população sem condições financeiras.

A manifestação dos deputados catarinenses se soma à posição de diversos parlamentares que condenam o processo de privatização da Eletrobras, maior empresa de energia elétrica da América Latina. Para os sindicatos da Intercel e Intersul, a Eletrobras e suas subsidiárias são patrimônio do povo brasileiro e não podem ser alienadas para atender a interesses mercadológicos.

### MOÇÃO DE REPÚDIO

A Assembleia Legislativa do Estado de Santa Catarina também aprovou moção de repúdio ao seminário realizado pelo Tribunal de Contas da União sobre a privatização da Eletrobras. A moção, proposta pelo Deputado Dirceu Dresch (PT) "lamenta a realização do Seminário organizado pelo Tribunal de Contas da União sem ouvida de todas as partes envolvidas no processo, como os trabalhadores e os pesquisadores da área". O texto ainda destaca que "a privatização anunciada é uma medida irresponsável e entreguista, que compromete a segurança energética do país e afeta diretamente os interesses da população".

### **ELETROBRAS**

### COMISSÃO DA PRIVATIZAÇÃO REALIZA DUAS AUDIÊNCIAS ESTA SEMANA

CNE participa de atividades em defesa dos trabalhadores



A comissão mista responsável pela análise da Medida Provisória (MPV) 814/2017, que autoriza a privatização da Eletrobras e de suas subsidiárias, fará audiências públicas nesta semana para ouvir representantes do governo e da sociedade, além de técnicos contrários e favoráveis à MP. O Coletivo Nacional dos Eletricitários (CNE) participa de audiências defendendo a manutenção da Eletrobras pública. O mesmo grupo também participou, na quarta-feira, dia 04, da primeira rodada de negociação do Acordo Coletivo de Trabalho (ACT) 2018/19, após a prorrogação da data-base. Até o fechamento desta edição as informações da reunião ainda não eram conhecidas.

### **CELOS**

### CELOS PERCORRE O ESTADO COM BALANÇO DA GESTÃO 2017

Além da prestação de contas anual, Diretoria apresentará o Portal da Transparência



A Diretoria da Celos pega a estrada para conversar com os participantes neste início de abril. Apresentando o balanço da gestão dos Planos de saúde e previdenciários, a percorrida também servirá para lançar o Portal da Transparência Celos. Confira o calendário do mês de abril nas Agências Regionais e escritórios da Celesc.

### PERCORRIDA CELOS - ABRIL

ADM. CENTRAL	5	14H
FLORIANÓPOLIS	9	08H
JOINVILLE	11	08H
JARAGUÁ DO SUL	12	08H
SÃO BENTO	12	13H30
MAFRA	13	08H
CANOINHAS	13	13H30
SÃO MIGUEL DO OESTE	18	08H
CHAPECÓ	18	14H
CONCÓRDIA	19	08H
JOAÇABA	19	14H
VIDEIRA	20	08H
ITAJAÍ	23	08H30
BLUMENAU	25	08H
RIO DO SUL	26	08H
LAGES	27	08H



# A CULTURA DE TODO DIA

feito água

transborda cultura

bebe cantos de rua

pelas bocas da lua

feito fogo

incendeia loucura

se aquece de ternura

como fruta madura

feito ar

espalha sementes

entre bicos de serpente

alimenta corações de gente

feito terra

fertiliza emoção

encontra razão

na troca de opinião

com elementos

da natureza

imprime com firmeza

30 anos de cultura acesa

esse é o linha viva

jornal sem único guia

coletivo de luta

e de alegria

entre greves

atos e teatro

muita arte e poesia

a cultura de todo dia

Dinovaldo Gilioli

